

SAÚDE E AMBIENTE

V.8 • N.2 • 2020 - Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3798

ISSN Impresso: 2316-3313

DOI: 10.17564/2316-3798.2020v8n2



## ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DA VIOLÊNCIA SEXUAL NO MUNICÍPIO DE ARACAJU, SERGIPE, 2013 A 2016

EPIDEMIOLOGICAL STUDY OF SEXUAL VIOLENCE IN THE  
MUNICIPALITY OF ARACAJU, SERGIPE, 2013 TO 2016

ESTUDIO EPIDEMIOLÓGICO DE LA VIOLENCIA SEXUAL EN EL  
MUNICIPIO DE ARACAJU, SERGIPE, 2013-2016

Mateus Felipe Santos Santana<sup>1</sup>  
Taciana Silveira Passos<sup>2</sup>  
Marcos Antonio Almeida-Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

Este estudo objetivou analisar o perfil das vítimas de violência sexual na cidade de Aracaju-SE no período entre 2013-2016. Trata-se de um estudo epidemiológico realizado a partir de dados agregados, obtidos em estratos populacionais, mediante consulta no Departamento de Informática do Sistema único de Saúde. Taxas de incidência foram calculadas com ajustes para o registro populacional de cada ano, e apresentadas na escala de 1:10000 habitantes. Elaborou-se um modelo de regressão binomial negativa para avaliar a razão da taxa de incidência (“incidence rate ratio” ou IRR) de violência sexual. O perfil da população exposta a esta violência foi predominantemente do sexo feminino, faixa etária de 10 a 14 anos e cor autodeclarada parda. Dentre os registros, os principais agressores foram amigos/conhecidos e o estupro foi o principal tipo de violência sexual notificado. Os dados reforçam a vulnerabilidade do sexo feminino a este tipo de violência, principalmente na faixa etária infanto-juvenil.

### PALAVRAS-CHAVE

Epidemiologia. Delitos Sexuais. Notificação Compulsória.

## ABSTRACT

This study aimed to analyze the profile of victims of sexual violence in the city of Aracaju / Sergipe between 2013-2016. This is an epidemiological study based on aggregated data obtained from population strata, through consultation with the Department of Informatics of the Unified Health System. Incidence rates were calculated with adjustments for each year's population registry and presented on a scale of 1: 10,000 inhabitants. A negative binomial regression model was developed to assess the incidence rate ratio (IRR) of sexual violence. The profile of the population exposed to this violence was predominantly female, aged 10 to 14 years and self-declared brown. Among the records, the main perpetrators were friends / acquaintances, and rape was the main type of reported sexual violence. The data reinforce the vulnerability of females to this type of violence, especially in the age group.

## KEYWORDS

Epidemiology. Sexual offenses. Compulsory Notification.

## RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar el perfil de las víctimas de violencia sexual en la ciudad de Aracaju/Sergipe entre 2013-2016. Este es un estudio epidemiológico basado en datos agregados obtenidos de estratos de población, a través de consultas con el Departamento de Informática del Sistema Único de Salud. Las tasas de incidencia se calcularon con ajustes para el registro de población de cada año y se presentaron en una escala de 1:10,000 habitantes. Se desarrolló un modelo de regresión binomial negativo para evaluar la tasa de incidencia ("incidence rate ratio" ou IRR) de violencia sexual. El perfil de la población expuesta a esta violencia fue predominantemente femenino, con edades entre 10 y 14 años y color de piel marrón. Entre los registros, los principales autores fueron amigos/conocidos, y la violación fue el principal tipo de violencia sexual denunciada. Los datos refuerzan la vulnerabilidad de las mujeres a este tipo de violencia, especialmente en el grupo de edad.

## PALABRAS CLAVE

Epidemiología. Delitos sexuales. Notificación compulsoria.

## 1 INTRODUÇÃO

A violência sexual é definida como qualquer iniciativa com a finalidade de obrigar outra pessoa a presenciar ou participar de interações sexuais. Este conceito foi elaborado pelo Ministério da Saúde que tipifica o agressor como uma pessoa em situação de poder ou que se utiliza de força física com intuito de gerar intimidação, coerção ou influência psicológica, com ou sem uso de armas ou drogas (BRASIL, 2016).

No Brasil, de acordo com um estudo de série temporal, entre 2009 e 2013, houve um aumento do número de notificações. No período de 2011 a 2017 foram notificados 184.524 casos de violência sexual, sendo 31% contra crianças e 45% contra adolescentes, sintetizando, são 76,5% dos casos notificados alocados nesta fase da vida (GASPAR; PEREIRA, 2018).

Este tipo de violência provoca diversas consequências às vítimas, seja de caráter agudo ou tardio, caracterizado por danos psicológicos, emocionais e sociais. Essa problemática tem impulsionado casos de morbidade e mortes, uma vez que a violência não é tratada com drogas ou vacinas. Para a minimização do número de ocorrências, se faz necessária intervenção de diferentes setores, com mudanças nos padrões individuais e institucionais (MORENO *et al.*, 2014; DWORKIN, 2017; FORNARI *et al.*, 2018).

Entender o comportamento da violência sexual na sociedade em um determinado espaço de tempo é fundamental para aprimorar sua prevenção e assim reduzir os agravos. Porém, há poucas informações disponíveis no Nordeste brasileiro e em especial na capital do estado de Sergipe. Ao realizar uma pesquisa em base de dados nacionais utilizando os seguintes descritores: “Sergipe”, “epidemiologia”, “violência sexual”, observou-se que, até então, não foram publicados artigos de caráter epidemiológico que abordassem o perfil das notificações de violência sexual no estado.

Assim, tendo em vista a importância epidemiológica da temática, este estudo teve como objetivo analisar o perfil das vítimas de violência sexual na cidade de Aracaju-SE no período de 2012 a 2016.

## 2 METODOLOGIA

Estudo epidemiológico, realizado a partir de dados agregados mediante consulta ao banco de dados do Ministério da Saúde no Departamento de Informática do Sistema único de Saúde (DATASUS). As informações epidemiológicas acerca da violência sexual foram obtidas por meio das notificações oriundas do Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN). Os anos de 2013 a 2016 foram selecionados por representar os dados mais recentes e com maior número de notificação de casos.

O número de casos notificados por categorias foi filtrado de acordo com as seguintes variáveis: sexo; faixa etária; cor/raça; tipo de violência sexual e agressor. A variável faixa etária contemplou desde < 1 ano a > 60 anos. A variável “raça/cor” retrata fundamentalmente a cor da pele e traços étnicos, conforme autodeclaração, sendo classificada em “branca”, “amarela”, “parda”, “negra” ou “ignorada”. Para os tipos de violência sexual, foram abrangidas as categorias de estupro, assédio sexual, atentado violento ao pudor, pornografia infantil, exploração sexual e outras violências.

Para realizar os cálculos de incidência, número de habitantes por região foi obtido de dados derivados do censo de 2010 e estimativas intercensitárias, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

## 2.1 ASPECTOS ÉTICOS

Por se tratar de dados públicos que não requerem privilégio de acesso, esta pesquisa não precisou ser autorizada.

## 2.2 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Variáveis categóricas foram apresentadas em número absoluto e porcentagem. Realizou-se o teste exato de Fisher para comparações entre as variáveis. Taxas de incidência foram calculadas com ajustes para o registro populacional de cada ano e apresentadas na escala de 1:10.000 habitantes. Elaborou-se um modelo de regressão binomial negativa para avaliar a razão da taxa de incidência (“incidence rate ratio” ou IRR) de violência sexual de acordo com os tipos de agressão, além de outros preditores, tais como tendência temporal, sexo, cor da pele auto referida e faixa etária.

Os cálculos foram corrigidos para o “fator exposição”, ou seja, o logaritmo da população estimada em risco. Calculou-se o valor de p bicaudal. A estimativa de tamanho do efeito foi apresentada sobre a forma de Taxa de Razão de Incidência (IRR) e medidas de dispersão foram apresentadas mediante intervalos de confiança a 95%. Todos os cálculos foram realizados no programa estatístico Stata versão 15.1 (College Station, Texas, USA).

## 3 RESULTADOS

No período analisado, foram notificados 1.074 casos de violência sexual na cidade de Aracaju. A Tabela 1 representa o perfil sociodemográfico das vítimas, que foi caracterizado pela predominância do sexo feminino (86,78%), faixa etária de 10 a 14 anos (38,27%) e 55,96% se autodeclararam pardos. Os principais agressores foram amigos/conhecidos (32,03%) e estupro foi principal tipo de violência sexual notificado (88,92%).

Tabela 1 – Perfil dos casos de violência sexual notificados em Aracaju, entre 2013-2016

Variáveis	N	%
Sexo		
Masculino	142	13,22
Feminino	932	86,78

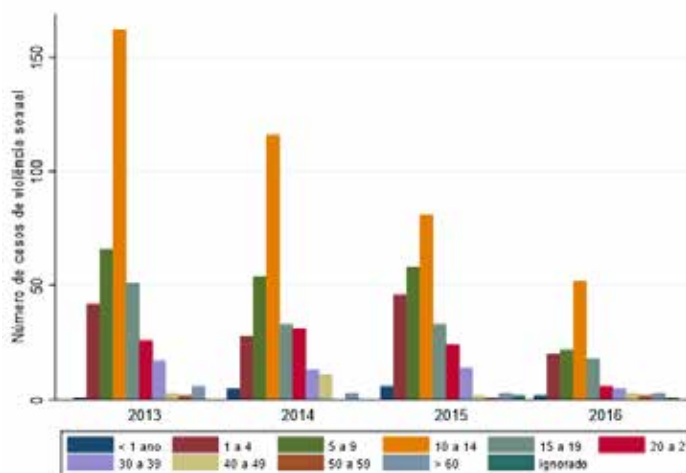
<b>Variáveis</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Faixa etária		
< 1 ano	14	1,30
1 a 4 anos	136	12,66
5 a 9 anos	200	18,62
10 a 14 anos	411	38,27
15 a 19 anos	135	12,57
20 a 29 anos	87	8,10
30 a 39 anos	49	4,56
40 a 49 anos	19	1,77
50 a 59 anos	5	0,47
>60 anos	15	1,40
Ignorado	3	0,28
Cor autodeclarada		
Branca	133	12,38
Ignorado	250	23,28
Parda	601	55,96
Preta	87	8,10
Amarela	3	0,28
Tipo de violência Sexual		
Assédio Sexual	28	2,61
Estupro	955	88,92
Exploração Sexual	30	2,79
Atentado Violento ao Pudor	6	0,56
Pornografia Infantil	1	0,09
Outras Violências	54	5,03
Agressor		
Amigos/conhecidos	344	32,03
Cônjuge/ex-cônjuge	22	2,05

Variáveis	N	%
Desconhecido	164	15,27
Irmão	18	1,68
Pai/mãe	88	8,20
Namorado/ex namorado	85	7,92
Padrasto	120	11,17
Policial agente da lei	1	0,09
Cuidador	4	0,37
Filha	1	0,09
Pessoa com Relação Institucional	3	0,28
Patrão/chefe	2	0,19
Outros	222	20,67

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Figura 1 observa-se a relação entre os números de casos, ano de notificação e faixa etária. Houve um declínio do número de casos durante o decorrer dos anos. Quanto a faixa etária, nota-se que a faixa de 10 a 14 anos predomina em todos os anos, seguido de 5 a 9 anos.

**Figura 1** – Número de casos de violência sexual relacionados ao ano e faixa etária, no período de 2013-2016 notificados no município de Aracaju-SE, Brasil



Fonte: Dados da pesquisa.

Um modelo de regressão binomial negativa foi elaborado para estimativa de casos de violência sexual (TABELA 2). A Taxa de Razão de Incidência (IRR) foi significativamente superior no sexo feminino quando ajustada para os demais preditores, representando uma probabilidade de sofrer violência sexual 74% superior ao sexo masculino. Os indivíduos de 10 a 14 anos apresentaram uma IRR de violência sexual 2,90 vezes maior que menores de 1 ano de idade.

A cor de pele parda obteve uma probabilidade 2,23 vezes maior que a branca para violência sexual ( $p < 0,0001$ ). No que concerne à variável cor da pele “ignorada”, do ponto de vista epidemiológico, teria pouca validade como um preditor, pois são dados comumente inseridos de maneira negligenciada (TABELA 2).

Tabela 2 – Modelo de regressão binominal negativa, com razão de taxa de incidência para número de casos de violência sexual e preditores para a população anual estimada para Aracaju, entre 2013 e 2016

	<b>IRR</b>	<b>IC a 95%</b>		<b>p</b>
Sexo				
Masculino (referência)	-	-	-	-
Feminino	1,74	1,42	2,12	<0,0001
Cor Autodeclarada				
Branca (Referência)	-	-	-	-
Parda	2,23	1,82	2,74	<0,0001
Preta	0,90	0,67	1,20	0,465
Amarela	0,58	0,17	1,92	0,372
Ignorada	1,38	1,10	1,73	0,005
Faixa Etária				
< 1 ano (referência)	-	-	-	-
1 – 4 anos	1,80	1,00	3,23	0,048
5 – 9 anos	2,22	1,25	3,95	0,007
10 – 14 anos	2,90	1,65	5,10	<0,0001
15 – 19 anos	1,77	0,98	3,17	0,056
20 – 29 anos	1,48	0,82	2,70	0,201
30 – 39 anos	1,35	0,72	2,53	0,351
40 – 49 anos	1,09	0,52	2,27	0,818
50 – 59 anos	1,07	0,37	3,14	0,896
>60 anos	1,06	0,49	2,28	0,891

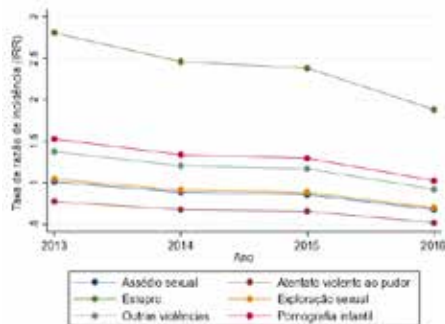
	IRR	IC a 95%		p
Ignorado	1,29	0,34	4,82	0,707
Tipos de Violência Sexual				
Assédio sexual (referência)	-	-	-	-
Atentado Violento ao Pudor	0,77	0,30	1,95	0,575
Estupro	2,77	1,86	4,15	<0,0001
Exploração Sexual	1,03	0,59	1,79	0,911
Pornografia Infantil	1,50	0,19	12,20	0,699
Outras Violências	1,36	0,83	2,24	0,226
Ano				
2013 (referência)	-	-	-	-
2014	0,92	0,77	1,10	0,348
2015	0,91	0,76	1,09	0,297
2016	0,72	0,57	0,90	0,004

IRR = razão de taxa de incidência; IC= intervalo de confiança

Fonte: Dados da pesquisa.

O estupro foi significativamente superior que os outros tipos de violência em todos os anos. Não foi observada uma tendência temporal estatisticamente significativa entre os anos 2013 e 2015, se compararmos o ano de 2013 com os anos posteriores. O ano de 2016 apresentou uma queda significativa ( $p=0,004$ ), no entanto, os dados do referido ano encontram-se em andamento no sistema (TABELA 2, FIGURA 2).

**Figura 2** – Taxa de razão de incidência dos casos de violência sexual de acordo com o tipo e ano de notificação, no período de 2013-2016 notificados no município de Aracaju/SE, Brasil



Fonte: Dados da pesquisa.



## 4 DISCUSSÃO

A atenção dos pesquisadores ao tema da violência, sobretudo a sexual, tem sido direcionada para o estudo das relações de gênero. Estudos da associação entre masculinidade e agressão sexual demonstraram que homens que possuem atitudes masculinas hostis ou hipermasculinas são mais propensos a relatar agressão sexual contra mulheres (ARAÚJO, 2002; KIND *et al.*, 2013; MURNEN, 2015; MCDERMOTT *et al.*, 2015). De acordo com esta perspectiva teórica, o comportamento violento é uma característica mais presente no sexo masculino. A dominação masculina e a submissão feminina, naturalizam a produção e repetição de comportamentos abusivos por parte do homem detentor do poder de pai, provedor material e chefe da família.

Os achados do presente estudo, tomando-se a violência sexual de modo geral, sobre a maior taxa feminina relativa à masculina, coincidem com os da literatura (CERÓN-HERNÁNDEZ *et al.*, 2017; BRASIL, 2018; GASPAR; PEREIRA, 2018; SENA *et al.*, 2018; PLATT *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2018; SOUTO *et al.*, 2018).

Além da desigualdade expressa nas relações de gênero, esta vulnerabilidade também tem sido reportada na literatura como decorrente da condição de superior força física do sexo masculino, também da fragilidade e risco da mulher para vitimização por violência, sobretudo na população de crianças e adolescentes (SENA *et al.*, 2018). Neste sentido, entende-se que a violência sexual costuma envolver duas desigualdades básicas: de gênero e geração.

De acordo com a teoria de Bourdieu (2005), a análise da violência sexual contra a mulher está relacionada ao exercício do poder simbólico. Nessa perspectiva, a mulher é vista como objeto ou símbolo cuja atribuição, no terreno das trocas simbólicas, é manter o capital simbólico que se concentra em benefício das forças de dominação, a fim de perpetuar o poder dos homens. Perceber a violência sexual como resultante das relações de gênero assentadas em categorizações, presentes na ordem social, possibilita compreender não apenas a posição das mulheres como subordinadas, mas, também, construir uma proposição de análise a respeito da relação “dominação” e “poder.”

Em relação à cor autodeclarada, as taxas de violência sexual em Aracaju foram maiores em pardos, se comparadas a negros e brancos, algo que pode ter sido influenciado pela eventual subjetividade na identificação da cor da pele e devido ao predomínio da miscigenação no país. Outros estudos brasileiros, um especificamente em Santa Catarina e outro de âmbito nacional, revelam inclusive maior número de casos notificados em população branca (PLATT *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2018).

Mundialmente, uma população de 120 milhões de crianças e adolescentes do sexo feminino e idade inferior a 20 anos já foram forçadas a ter relações sexuais ou a praticar outros atos sexuais, uma em cada três adolescentes, na faixa etária de 15 a 19 anos, já estavam casadas e foram vítimas de violência psicológica, física ou sexual perpetrada por seus maridos ou parceiros (UNICEF, 2014). A prevalência mundial de abuso sexual contra crianças e adolescentes varia entre 8-31% para meninas e 3-17% para meninos, continuando como objeto de preocupação para o poder público e a sociedade geral (BARTH, 2013).

A maioria das vítimas deste estudo se concentrava na população infanto-juvenil, reforçando as evidências da vulnerabilidade de crianças e adolescentes. Este dado diverge de um estudo realizado em âmbito nacional, o qual apresentou aumento da prevalência com a idade (SCHRAIBER *et al.*, 2008). No entanto, em uma série de outros estudos nacionais e internacionais é notória a prevalência da violência sexual perpetrada nesta fase infanto-juvenil (CERÓN-HERNÁNDEZ *et al.*, 2017; BRASIL, 2018; GASPAR; PEREIRA, 2018; SENA *et al.*, 2018; SOUTO *et al.*, 2018).

No período de 2010 a 2014, foram identificadas 2.226 notificações de violência sexual ocorrida na escola contra crianças e adolescentes no Brasil (SANTOS *et al.*, 2018). Em Florianópolis, capital de Santa Catarina, no período de janeiro de 2008 a dezembro de 2014 foram feitas 477 notificações de casos suspeitos ou confirmados de abuso sexual infantil, 41,2% na faixa etária entre 10 a 15 anos (PLATT *et al.*, 2018). Dados similares foram encontrados no presente estudo, no qual prevaleceu também a faixa etária entre 10 a 14 anos.

Quanto ao autor/agressor, em nosso estudo, o crime foi praticado em sua maioria por conhecidos das vítimas. Estes dados também corroboram com outros estudos nos quais o principal agressor era amigo/conhecido da família (CERÓN-HERNÁNDEZ *et al.*, 2017; SOUTO *et al.*, 2018).

A relação parental merece destaque principalmente quando se refere à vulnerabilidade de crianças e adolescentes. Outro estudo realizado no estado de Santa Catarina, Brasil, com dados obtidos de registros de notificações do Conselho Tutelar e Programa Sentinela do município de Itajaí, no período de 1999 a 2003, mostrou que grande parte das violências sexuais em crianças e adolescentes ocorreram dentro de casa, tendo o pai como autor (MACHADO *et al.*, 2005).

No caso da Colômbia, as estatísticas de anos recentes estabeleceram que 50,06% dos crimes sexuais relatados ocorreram na habitação da vítima e um parente próximo ou “amigo da família” é o suposto agressor (FRANCO; RAMÍREZ, 2016).

Percebe-se que, entre os tipos de violência sexual, o estupro foi o de maior frequência em Aracaju, possivelmente relacionada ao fato de os demais tipos de abuso sexual não serem reconhecidos como violência. Para a criança, por exemplo, parece ser mais difícil definir assédio, atentado ao pudor, pornografia infantil e demais tipos de violência, o que dificulta a denúncia e/ou explicação dos fatos.

Em 2017, no Brasil, o tipo de violência sexual mais frequente foi o estupro (60,9%), seguido do assédio sexual (29,7%) e do atentado ao pudor (21,6%) (SANTOS *et al.*, 2018). Na Itália, 5,4% (1.157.000) das mulheres com idade entre 16 e 70 anos sofreram alguma forma de violência sexual no curso da vida, sendo o estupro e a tentativa de estupro as formas mais graves (ISTAT, 2015).

Ao considerar os preditores encontrados e os efeitos da violência sexual, recomendam-se novas investigações para a compreensão de seus determinantes e impactos. É importante considerar ainda as limitações relacionadas à subnotificação dos registros no banco do SINAN e as informações não disponíveis, por preenchimento incompleto das fichas de notificação, o que não invalida os achados, mas indica cautela na interpretação dos dados (KIND *et al.*, 2013).

Os dados representados como “ignorados” significam que o quesito não foi respondido na ficha de notificação, ou seja, demonstra a carência existente no preenchimento dos dados de violência sexual no SINAN e que precisam ser abordados para a melhor qualidade destes dados.

## 5 CONCLUSÃO

Os casos notificados de violência sexual foram predominantemente no sexo feminino, na faixa etária de 10 a 14 anos e o estupro foi o principal tipo de violência sexual, demonstrando a vulnerabilidade dessa população. Diante disso, se faz necessário maior abordagem deste tema em novos estudos, implantação de políticas públicas voltadas ao público vulnerável e adoção de medidas preventivas para controle e redução dos índices de violência sexual.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. *et al.* Violência e abuso sexual na família. **Psicol. Est.**, v. 7, n. 2, p. 3-11, 2002.

BARTH, J. *et al.* The current prevalence of child sexual abuse worldwide: a systematic review and meta-analysis. **Int. J. Publ. Health**, v. 58, n. 3, p. 469-483, 2013.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Viva: Instrutivo de Notificação de Violência Interpessoal e Autoprovocada**. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. **Bol. Epidemiol.**, v. 49, n. 27, 2018.

CERÓN-HERNÁNDEZ, G. *et al.* Caracterización de los casos de abuso sexual valorados en los servicios de urgencias y consulta externa de una institución hospitalaria de primer nivel en el Departamento del Cauca, 2007 - 2015. **Univ. Salud.**, v. 9, n. 2, p. 226-236, 2017.

DWORKIN, E. R. *et al.* Sexual assault victimization and psychopathology: A review and meta-analysis. **Clin. Psychol. Rev.**, v. 56, p. 65-81, 2017.

FORNARI *et al.* As perspectivas de gênero e geração nas narrativas de mulheres abusadas sexualmente na infância. **Rev. Lat. Am. Enferm.**, v. 26, p. e3078, 2018.

FRANCO, A.; RAMÍREZ, L. Abuso sexual infantil: perspectiva clínica y dilemas ético-legales. **Rev. Colomb. Psiq.**, v. 45, n. 1, p. 51-58, 2016.

GASPAR, R.S.; PEREIRA, M.U.C. Evolução da notificação de violência sexual no Brasil de 2009 a 2013. **Cad. Saúde Públ.** v. 34, n. 11, p.e0017261, 2018.

ISTAT – Istituto Nazionale di Statistica. Presidência do Conselho dos Ministros, Dipartimento per le Pari Opportunità. **La violenza contro le donne dentro e fuori la famiglia Roma**. 2015. Disponível em: [https://www.istat.it/it/files/2015/06/Violenze\\_contro\\_le\\_donne.pdf](https://www.istat.it/it/files/2015/06/Violenze_contro_le_donne.pdf). Acesso em: 24 abr. 2019.

KIND, L. *et al.* Subnotificação e (in)visibilidade da violência contra mulheres na atenção primária à saúde. **Cad. Saúde Públ.**, v. 29, n. 9, p. 1805-1815, 2013.

MACHADO, H. B. *et al.* Abuso sexual: diagnóstico de casos notificados no município de Itajaí/SC, no período de 1999 a 2003, como instrumento para a intervenção com famílias que vivenciam situações de violência. **Texto Contexto Enferm.**, v. 14, n. esp., p.: 54-63, 2005.

MCDERMOTT, R. C. *et al.* College male sexual assault of women and the psychology of men: Past, present, and future directions for research. **Psychol. Men. Masculin.**, v. 16, n. 4, p. 355-366, 2015.

MORENO *et al.* Addressing violence against women: a call to action. **Lancet**, v. 385, n. 9979, p. 1685-1695, 2014.

MURNEN, S. K. A social constructivist approach to understanding the relationship between masculinity and sexual aggression. **Psychol. Men Masculin.**, v. 16, n. 4, p., 370-373, 2015.

PLATT, V. B. *et al.* Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências, **Ciêñ. Saúde Col.**, v. 23, n. 4, p. 1019-1031, 2018.

SANTOS, M. J. *et al.* Caracterização da violência sexual contra crianças e adolescentes na escola – Brasil, 2010-2014. **Epidemiol. Serv. Saúde**, v. 27, 2, p. 2017-2059, 2018.

SCHRAIBER, L. B. *et al.* Intimate partner sexual violence among men and women in urban Brazil, 2005. **Rev. Saúde Públ.**, v. 42, n. Supl. 1, p. 127-137, 2008.

SENA, C. A. *et al.* FALBO NETO, G. H. Incidência de violência sexual em crianças e adolescentes em Recife/Pernambuco no biênio 2012- 2013. **Ciêñ. Saúde Col.**, v. 23, n. 5, p. 1591-1599, 2018.

SOUTO, D. F. *et al.* Violência contra crianças e adolescentes: perfil e tendências decorrentes da Lei nº 13.010. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 71, n. suppl 3, p. 1313-23, 2018.

UNICEF – United Nations Children’s Fund. **A statistical analysis of violence against children**. New York: UNICEF, 2014.

---

**Recebido em:** 7 de Novembro de 2019

**Avaliado em:** 10 de Março de 2020

**Aceito em:** 10 de Março de 2020

---



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

---

1 Acadêmico do Curso de Enfermagem, Universidade Tiradentes – UNIT, Aracaju; Aluno de Iniciação Científica PIBIC-CNPq. E-mail: mateusfelipesantana@hotmail.com

2 Mestra em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes – UNIT; Enfermeira; Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes – UNIT, Aracaju. E-mail: taciaana.silveira@acad.unit.br

3 Doutor em Ciências da Saúde; Mestre em Saúde e Ambiente; Médico; Professor titular do Departamento de Medicina e permanente da Pós-Graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes – UNIT, Aracaju; Professor visitante do Tiradentes Institute da University of Massachusetts, Boston, Estados Unidos. E-mail: marcosalmeida2010@yahoo.com.br



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaqual CC BY-SA

